

97
7/5/97 B-10
48

Consórcio Brasil terá participação em 80% da siderurgia brasileira, com assento nos principais conselhos de administração; primeiro "round" poderá ser com a CST, que começa a invadir os mercados cativos da CSN e Usiminas

Steinbruch, o novo "barão do aço" brasileiro

Ivo Ribeiro
de Belo Horizonte

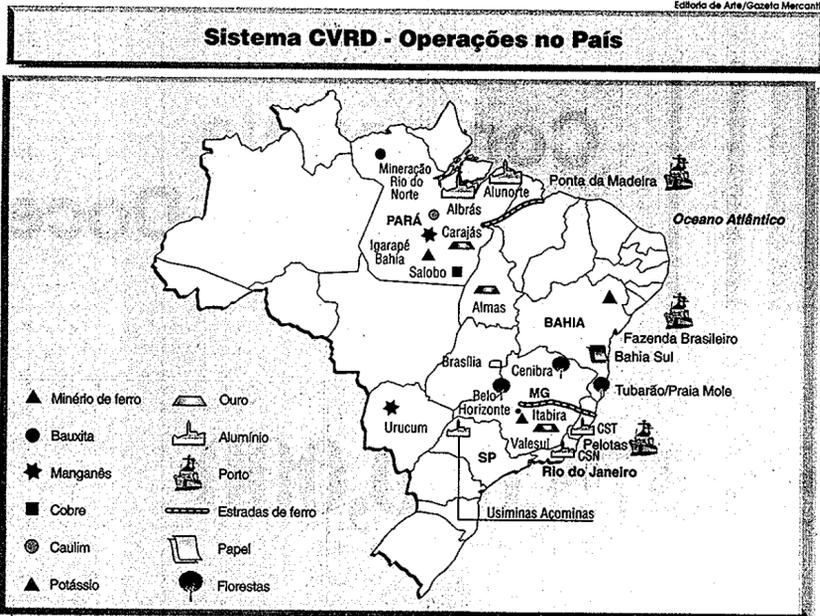
O presidente da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), Benjamin Steinbruch, é o novo "barão do aço" brasileiro. Ao vencer o leilão de privatização da Companhia Vale do Rio Doce sua empresa passa a ter participações direta e indireta em 80% da produção de aço no Brasil. A Vale está presente no capital de Usiminas (que possui 49,3% da Companhia Siderúrgica Paulista-Cosipa), de Açominas, da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST) e da própria CSN.

São quase 20 milhões de toneladas de aço por ano que saíram entre 1991 e 1993 das mãos do monopólio estatal Siderbras - ainda hoje em liquidação - para se concentrarem em um bloco privado com forte presença de fundos de pensão de empresas públicas (Previ, do banco do Brasil; Petros, da Petrobrás; Funcef, da Caixa Econômica Federal e Funesp, da Companhia Energética de São Paulo-CESP).

Segundo uma fonte que conhece bem o setor, os próximos meses serão de expectativa. Certamente, acredita a fonte, vai acontecer um novo rearranjo no setor siderúrgico brasileiro. "Uma coisa era ter uma estatal, conciliadora, no conselho de administração das siderúrgicas e alegando que seu interesse se limitava a presença estratégica - de venda de minério de ferro. Outra coisa é um acionista privado no calcanhar, que além disso também quer ver lucros e um bom retorno do investimento", observa.

O conflito de interesses vai surgir, garante ele. Um representante da Vale com a "cara de Benjamin Steinbruch" estará sentado nos conselhos das siderúrgicas e tomará conhecimento dos seus planos estratégicos. CSN e Usiminas atuam no Brasil e exterior nos mesmos mercados de aço. A disputa é acirrada. CST, tradicional produtora de placas, atualmente com 34% do capital nas mãos da Acesita pilotada por Wilson Brumer, começa a entrar em seus redutos. No início com laminados a quente. Mas já sinalizou que pode querer também os lucrativos filões automobilísticos e de linha branca, com tiras a frio.

A CST é a siderúrgica que possui mais sinergia com a Vale, que detém



Fonte: Bozano Simonsen

quase 23% de seu controle acionário. Está ao lado do porto, na ponta da ferrovia Vitória a Minas, ao lado do pátio de minério de ferro e fornece quase metade das placas de aço que a Califormia Steel (CSI) compra para seus laminadores. Baseada nos EUA, a CSI pertence 50% à Vale. Além de US\$ 500 milhões em caixa.

E porque não sinergia também com a CSN?, questiona Eveline Freire Gerke, analista sênior de investimentos da Daiwa Securities Americas. Tudo que a siderúrgica de Volta Redonda precisa são as placas de aço produzidas com um dos menores custos do mundo para abastecer suas linhas de laminação. Uma fusão com a CSI para atuar no fechado norte-americano é outro grande negócio na sua opinião.

Uma mistura de decepção com o consórcio Valecom, de quem se espe-

rava mais fôlego financeiro na disputa, e apreensão com a capacidade e interesse da CSN em efetuar mudanças no grupo de comando da Vale tomou conta de analistas do mercado financeiro que acompanhavam de perto a privatização da maior mineradora do País, brasileira. "A introdução de mudanças na gestão da Vale com a CSN poderá ser mais lenta que a esperada caso vencesse o consórcio Valecom", diz Mônica de Azevedo Carvalho, analista de investimentos do banco espanhol Santander.

Analistas acreditam no surgimento de conflitos de interesses

Mônica menciona um forte motivo. O homem-chave contratado há alguns meses pela CSN, que hoje encabeça sua diretoria de infra-estrutura, é Mozart Litwinski, ex-diretor de minério de ferro da Vale. Ele tem um grande envolvimento com o quadro de comando da ex-estatal e isso deverá atrasar um programa de reestrutur-

ção na gestão da empresa. Litwinski, aliás, já é cotado para vir a ocupar a presidência executiva da companhia. Eveline, da Daiwa, aliás é mais rigorosa: não via perspectiva de mudança na gestão da mineradora com nenhum dos dois consórcios.

A Valecom, segundo a fonte do setor, parou de fazer lances quando o ágio atingiu quase 20%, porque tinha uma avaliação bem profunda do "cash flow" da Vale e sabia que o limite estava por aí. Esse ágio significa um valor de quase US\$ 12,5 bilhões para a empresa. Ela avalia: a CSN tem interesses muito específicos. Está junto com investidores institucionais não tão exigentes com uma taxa de retorno tão rigorosa, como os estrangeiros. Já estes, com forte presença no Valecom, ficaram assustados com um futuro cheio de ações na Justiça e os japoneses marcaram posição defensiva. "Uma vez que os australianos ficaram de fora não havia motivos para pagar tanto pela Vale."

Editoria de Arte/Gazeta Mercantil

Reservas minerais					
(Estimativa das reservas provadas e prováveis e outras jazidas)					
Tipo de mina	Reservas provadas e prováveis (milhões de toneladas)		Outras jazidas (milhões de toneladas)		Particip. CVRD em %
	Tonel. minério	Teor em %	Tonel. minério	Teor em %	
Minério de Ferro					
Carajás	CA	4.970	66	12.920	66,1
Minas Gerais					
Itabira	CA	1.403	55,8		100
Timbopéba	CA	337	55,4		100
Capanema (coligada)	CA	88	62,5		51
Outras jazidas	CA	6.090	43,2		100
Total Minas Gerais		7.918		15.488	
Total minério de ferro		12.888		28.368	
Ouro*					
Fazenda Brasileiro	CA/S	721.483			100
Igarapé Bahia	CA	2.364.502			100
Itabira	CA	239.593			100
Riacho dos Machados	CA	50.763			100
Maria Preta	CA	27.723			100
Almas	S	131.131			100
Caeté/Brumal	S	115.592			100
Total		3.650.787			
Manganês	CA				
Azul	S	18	45,0	46	100
Urucum		47	45,0	20	44,5
Total		65			
Bauxita					
Mineração Rio do Norte	CA	686			40
Cobre					
Salobo	CA	740	0,79	600	50
Caulim					
Capim 1	CA	65	88-89		40

Fonte: Bozano, Simonsen
* CA (cáu aberto) ou S (subterrânea)
2 Os pesos de ouro estão indicados em onças troy.

Presidente do Cade espera cartelização

Jussara Marchand
de Porto Alegre

O presidente do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), Gesner de Oliveira Filho, está convencido de que a privatização da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) trará concentração econômica, em vários setores de atuação da empresa. Oliveira só descarta três mercados que não seriam monopolizados com a venda da Vale. Ele citou o ouro, caolim e transporte marítimo. "Como a Vale atua em 22 mercados, os demais serão atingidos", frisou. O presidente do Cade esteve na Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs), onde inaugurou um siste-

ma de escritório itinerante do Cade que percorrerá todo o País. A proposta é facilitar o contato entre empresários e o Conselho.

Segundo Oliveira, a posição do Conselho sobre a venda da Vale está contida em nota técnica emitida pelo Cade, a pedido da Comissão de Assuntos Econômicos do Senado. O documento foi entregue há 10 dias ao senador José Serra (PSDB-SP). Na nota técnica, para uso interno da comissão, o Cade deixou registrado que a venda da Vale foi considerada positiva para o programa de privatização do governo. "Considerando que a privatização é um dos pilares da concorrência, não faz sentido privatizar e continuar sem concorrência", enfatizou.

Aos senadores que integram a Comissão de Assuntos Econômicos do Senado foi feita uma radiografia dos mercados afetados com a venda da Vale, entre eles os de cobre, alumínio, bauxita, minério de ferro e celulose. "O assunto Vale será analisado pelo Conselho, depois de efetivada a venda da empresa. Quando não há problemas, o Cade aprova a transação. Em caso contrário, propõe o estabelecimento de salvaguardas", antecipou, citando a Lei n° 8.884, que estabelece proteção à concorrência econômica. Ele observou que se os benefícios trazidos pela venda de uma estatal são maiores que os custos, o órgão aprova a venda ou impõe condições para a nova operação. Oliveira anunciou também as mu-

danças internas no órgão. Até o final desta semana, o Cade inicia procedimento visando à qualidade total das suas ações. O objetivo é aumentar a produtividade e agilizar o julgamento de processos. Um estoque de 16 processos de empresas privatizadas encontra-se parado, à espera de parecer. Entre os primeiros da fila, encontram-se os processos da Petroflex e Fosfertil, vendidas em 1992, e da Ultrafertil, de 1994. "É provável que nos próximos 90 dias, boa parte desse estoque de processos esteja resolvido", ponderou. Ele disse que, no último ano, o Cade conseguiu multiplicar por 10 o número de processos estudados, passando de 2,3 para 22,3 processos em análise a cada 30 dias.

Schettino diz estar surpreso com ágio

Silvio Ribas e
Paulo Barletta Paiva
de Belo Horizonte

O presidente da Companhia Vale do Rio Doce, José Francisco Schettino, afirmou ontem nesta capital estar surpreso com o ágio de 20% obtido no leilão da empresa. Ele compartilhava da mesma expectativa do governo, de um valor até 12% acima do mínimo. "Leilão é igual a cabeça de juiz, imprevisível", disse. Para Schettino, a Vale está pronta para atuar com o perfil de companhia privada, mas o novo controlador deverá influir com "conceitos próprios". Acrescentou que a empresa está "sólida e enxuta", realizou ajustes internos nos últimos dois anos para a privatização e, por isso, "não deverá sofrer grandes mudanças".

rido antes da realização do leilão, quando todo mundo já sabia que a CSN iria participar. Se interferir agora será um desperdício ao País".

O empresário também não teme aumentos abusivos nos fretes da Estrada de Ferro Vitória a Minas, da Vale, por onde são escoados os 12 milhões de toneladas anuais de minério de ferro da Samitri. "Temos um contrato com a Vale até o ano 2002 para utilização da ferrovia e do Porto de Vitória, que define, inclusive, como será o reajuste das tarifas", afirmou. Segundo ele, o frete será reajustado de acordo com a variação do preço do minério do mercado internacional. Mello não revelou o valor do frete hoje. "É segredo", disparou.

Seja como for, Cunha Mello não deixou de mandar um pequeno recado aos novos controladores da mineradora. "Somos excelentes clientes da Vale, e queremos continuar sendo tratados como tal", avisou - lembrando, ainda, que sempre defendeu a privatização "por pedaços". "Os setores de ferrovia e portos, por exemplo, envolvem interesses de muita gente".

Estímulo à competitividade

A desestatização da Vale deverá consagrar um conjunto de mudanças em curso, favoráveis ao estímulo da competitividade do setor mineral brasileiro, avaliou o presidente da Samarco Mineração, José Luciano Duarte Penido. Para ele, que também participou da abertura do VII Congresso Brasileiro de Mineração, a "revigoração" da mineradora concorrente refletirá sobre os demais. Ele acredita que o leilão reforça o novo cenário do setor no País. Um exemplo foi a recente entrada da entrada da Mitsui no Grupo Caemi. "Para os novos acionistas da Vale, bem suportados pelos fundos de pensão nacionais, não bastará ter comprado a empresa, vão ter de dar mais adrenalina, agilidade e investimentos", disse.

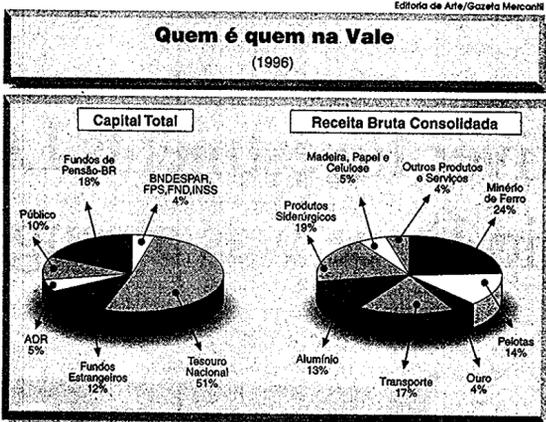
Sistema Vale engloba 50 empresas

Estela Caparelli
de São Paulo

Não é à toa que a privatização da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) é considerada a maior já realizada em toda a América Latina. A CVRD é a maior exportadora mundial de minério de ferro e pelotas e a maior produtora individual de ouro da AL e a vigésima no mundo. Isso sem falar nas atividades nos setores de alumínio, alumina, bauxita, papel, celulose, transporte marítimo, além de participações de siderurgia e fertilizantes.

Hoje, a CVRD é uma holding operacional atuando nas áreas de mineração e logística de transportes. O chamado Sistema CVRD é composto por cerca de 50 empresas controladas, coligadas e associadas e é distribuído em 10 estados brasileiros. Também possui atividades em países como Argentina, França, Bélgica, Estados Unidos, Japão, China.

No ano passado, a CVRD registrou um dos melhores resultados de sua história: o lucro líquido, pelo critério da correção integral, aumentou 76% para R\$ 632 milhões. O desempenho só foi superado pelos US\$ 645 milhões de 1994 e US\$ 730 milhões de 1988. O resultado da CVRD foi atribuído ao aumento



Fonte: Companhia Vale do Rio Doce

de 6% do preço externo do minério de ferro e à forte redução dos custos, além da contribuição dada pela isenção do ICMS nas exportações.

Em 1996, os negócios com minério de ferro e pelotas representaram 38% da receita bruta consolidada da CVRD, em comparação aos 53% registrados em 1995. As reservas da empresa estão avalia-

das em 41,3 bilhões de toneladas de minério, distribuídas em dois complexos: Carajás, no estado do Pará, a maior reserva mineral do mundo, e de Minas Gerais. Segundo relatório realizado pelo Banco Bozano, Simonsen, a alta qualidade do minério de ferro brasileiro permite um prêmio em seu preço devido à sua melhor performance nos

alto fornos. Os minérios da Vale tem uma vantagem competitiva em relação àqueles produzidos pelas mineradoras australianas, as principais concorrentes da companhia: um número menor de impurezas (alumina, por exemplo). As impurezas dificultam e encarecem a utilização do minério para a produção de certos tipos de aço.

Mas a política atual de investimentos da CVRD agora é dar prioridade para o ouro e cobre, concedendo um segundo lugar ao minério de ferro. E não era para menos. Além de ser metais mais valiosos, recentes pesquisas localizaram ouro em Carajás, Corpo Alemão e Serra Leste. No ano passado, a companhia produziu 18 toneladas de ouro e a perspectiva é de que esse desempenho seja repetido este ano. Nos últimos 10 anos, a produção de ouro da CVRD passou de 1,4 de toneladas para as 18 ton, de 1996.

Fundada em julho de 1942, em pleno governo Getúlio Vargas, a CVRD surgiu da encampação da Companhia Siderúrgica Brasileira de Mineração S/A (CBMSA), que absorveu as propriedades da Itabira Iron Ore Co. A companhia inglesa foi pioneira na exploração e exportação de minério de ferro brasileiro.